

## **História, mito e verdade na capoeira angola**

SILVA Renata de Lima , José Luiz Cirqueira FALCÃO et Cleber DIAS

Antes mesmo do advento do século XX a capoeira já se configurava como um expressivo elemento da cultura e da sociabilidade de diferentes grupos populares. Sua prática se manifestava em formas de brincadeiras e festejos de rua, embora seus principais registros nesse período encontrem-se, sobretudo, na literatura e documentação policial, onde se vê frequentemente associada ao uso de armas, em situação de repressão e vista, pelas elites, como algo nefasto, embora, algumas redes entre capoeiristas e políticos tenham sido articuladas. Em 1890, a capoeira é criminalizada e o século XX irrompe em um clima de conflito entre capoeiristas e polícia (Rego, 1968). É apenas a partir da década de 1930 que ela se configura como uma prática cultural de destaque, ganhando mais visibilidade positiva, graças ao movimento de valorização, em alguns casos, da cultura popular. Nesse contexto, a capoeira baiana, em particular, ganha notoriedade com a criação da Capoeira Regional e da Capoeira Angola, que, apesar de códigos distintos, ambas são associadas, entre outras coisas, a uma ideia de « folclore » e « esporte », simultaneamente.

Acreditamos não ser necessário repetir aqui a história da criação dessas duas vertentes de capoeiras, mas apenas assinalar o fato de que a Capoeira Angola e a Regional terem sido contemporâneas, não sendo exatamente a segunda uma dissidência da primeira, como é corrente no discurso de senso comum. As duas vertentes são, portanto, manifestações contemporâneas que carregam em si um alto teor de inventividade de Mestre Pastinha, na Angola, e de Mestre Bimba, na Regional.

Pires (2001) chama atenção para o fato de que, apesar de Mestre Pastinha, bem como o próprio Mestre Bimba concordarem a respeito do caráter tradicional da Capoeira Angola, não se encontram registros que denominassem esta prática de Capoeira Angola antes dos anos 1930. O autor coloca ainda que a denominação advém da necessidade de se contrapor aos outros modelos de capoeira esportivizada que vinham se desenvolvendo na Bahia naquele período. Assim, parece que a identidade da Capoeira Angola foi construída a partir de uma necessidade explícita de diferenciação da “Luta Regional Baiana”, que

depois passou a ser chamada de Capoeira Regional. Tudo isso se deu em constante clima de conflito e disputa por espaço e legitimidade, que reverberam até os dias de hoje.

Pires (2001) sugere, ainda, que a influência de intelectuais que elegeram a Capoeira Angola como a mais « pura » e « autêntica » tenha tido papel fundamental em sua formação discursiva, hipótese também defendida por Vassalo (2003), que acredita que a construção de um modelo de pureza da luta afro-brasileira parece consolidar-se a partir de apontamentos de Édison Carneiro (s/d), que divulgava em seus escritos a Capoeira Angola como sendo a mais tradicional. Vassalo (2003) até sugere que a veiculação da expressão Capoeira Angola tenha sido consolidada a partir de forte influência de Édison Carneiro. Mas teriam os protagonistas da Capoeira Angola, de forma passiva, permitido que esta prática fosse moldada e manipulada por essas influências externas ou, ao invés disso, teriam participado desse jogo de forma ativa ?

É possível afirmar que tanto a Capoeira Angola quanto a Regional são frutos de um processo de modernização, sincretismo e urbanização. Ademais, é igualmente verdade que ambas as manifestações diferem substancialmente entre si. Mas o que existe ou existia na Capoeira Angola que fez com que Édison Carneiro e outros intelectuais da época, percebessem-na como uma prática “mais pura e autêntica” ? Não nos parece que Jorge Amado – que também desenvolveu concepções análogas às de Édison Carneiro – tivesse inventado histórias sobre a Capoeira Angola, como quem cria *Capitães de Areia*. Alias, analisando obras como essa, tão cheia de trejeitos e ideias retirados do universo baiano da Capoeira Angola, podemos facilmente postular que não foi apenas o discurso desses intelectuais que influenciou a capoeira, mas também o inverso, isto é, a capoeira também influenciou os seus discursos e modos de pensar. Afinal, a invenção de uma tradição só é possível quando articulada a um conjunto amplo e complexo de circunstâncias políticas, econômicas e sociais objetivas (Bourdieu, 2004).

Se compreendermos a ideia de discurso como algo que constitui e ao mesmo tempo é constituído pela ideologia de um grupo ou de uma instituição e, ainda mais, se considerarmos o fato de que o corpo é um veículo discursivo, verificaremos que o capoeirista merece um lugar de centralidade na história de formação do discurso da capoeira. Desse modo, devemos nos perguntar, primeiramente, qual discurso se inscrevia no corpo do capoeirista da época e que foi interpretado por esses intelectuais – pois, como aponta Silva, o corpo é um « operador discursivo », algo que « problematiza e cria discursos » (1999, p. 25).